



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma
proposta para a sala de aula**

JOSEANE ARRUDA DE LIMA

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2020

JOSEANE ARRUDA DE LIMA

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma proposta para a sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro

Catolé do Rocha - PB
2020

L732I Lima, Joseane Arruda de.
A literatura de cordel no ensino fundamental: uma proposta para a sala de aula [manuscrito] / Joseane Arruda de Lima. - 2020.
42 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2020.
"Orientação : Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Literatura de cordel. 2. Letramento literário. 3. Cultura nordestina. I. Título

21. ed. CDD 398.5

JOSEANE ARRUDA DE LIMA

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma proposta para a sala de aula

Aprovada em 30 / 11 / 2011.

BANCA EXAMINADORA

Ana Paula Lima Carneiro

Orientadora: Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB - CCHA/DLH

Marta L. Nunes

1ª Examinadora: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes
UEPB - CCHA/DLH

Vaneide Lima Silva

2ª Examinadora: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva
UEPB - CCHA/DLH

Ao meu pai, José Arruda de Lima; a minha mãe, Joelma Alves de Lima Arruda; e, a toda a minha família, pelo apoio incondicional que me deram, pela força e por toda ajuda durante a minha trajetória no curso de Letras.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por ter me concedido a dádiva de concluir o curso de Letras, pela força e sabedoria que Ele me deu em todos os momentos que precisei, e, por ter proporcionado a realização desta pesquisa.

Agradeço, em especial, a toda minha família que fez parte desta conquista, meu pai, **José Arruda de Lima**, minha mãe, **Joelma Alves de Lima Arruda** e meus irmãos: **Joel Arruda de Lima**, **Josiele Arruda de Lima** e **Joyce Kelly Arruda de Lima**, pelo amor incondicional, por todo apoio e incentivo que me deram para concluir o curso de Letras, pela força nos momentos mais difíceis, e, por não permitirem que as dificuldades enfrentadas no caminho me fizessem desanimar e desistir.

A minha orientadora, **Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro**, pela atenção e paciência que teve em me orientar, durante todo o desenvolvimento da pesquisa, pelos autores e livros indicados, por todas as revisões de textos, pela compreensão, incentivo e por todos os ensinamentos.

Aos professores os quais eu tive a oportunidade de conhecer, pelos seus exemplos deixados durante as aulas, transmitindo seus conhecimentos sempre com muita dedicação, e, à banca examinadora, **Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes** e **Profa. Dra. Vaneide Lima Silva**, por todas as contribuições.

Aos meus colegas, pelos anos de convivência, companheirismo, e, aos amigos que o curso de Letras me presenteou, pois de forma direta ou indiretamente me ajudaram a alcançar esta grande conquista.

A todos vocês, os meus mais sinceros agradecimentos!

“O cordelista é um excelente educador nato, inocente. Eu diria até o mais puro educador dos educadores, porque ele não tem o propósito de educar ninguém, mas educa.”

(Manoel Monteiro - poeta popular)

RESUMO

A presente pesquisa propõe apresentar algumas considerações sobre a literatura de cordel, no ensino fundamental, discutindo acerca da sua importância na sala de aula, visto que a poesia é um dos gêneros mais antigos da literatura, e se revela nas mais variadas formas de manifestações, no pensamento, na música, na dança, de forma oral ou escrita. Objetivamos propor uma reflexão acerca da inclusão da literatura de cordel na sala de aula, bem como elaborar uma proposta de leitura do referido gênero, com base na sequência básica, proposta de letramento literário desenvolvida por Rildo Cosson, buscando verificar as contribuições que a inserção desse tipo de literatura pode trazer para os estudantes. O estudo foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, a partir das concepções de: Cosson (2009), Koch & Elias (2008), Lajolo (1999), Pinheiro & Lúcio (2001), Pinheiro (2007), dentre outros que contribuíram no percurso interpretativo. Dessa forma, discutimos acerca de como a inserção da literatura de cordel pode contribuir para a formação cultural dos alunos, reforçando a importância da cultura nordestina; e também por tornar a aula mais atrativa e interativa, por meio da ludicidade, fantasia e musicalidade dos versos. Foi possível inferir que o desenvolvimento da proposta de leitura, com a literatura de cordel, é de suma importância para o desenvolvimento da oralidade, curiosidade, criatividade, o gosto pela leitura e o pensamento crítico dos estudantes.

Palavras-Chave: Literatura de cordel. Letramento literário. Cultura nordestina.

ABSTRACT

This research proposes to present some considerations about cordel literature, in elementary school, discussing about its importance in the classroom, since poetry is one of the oldest genres of literature, and reveals itself in the most varied forms of manifestations, in thought, in music, in dance, orally or in writing. We aim to propose a reflection on the inclusion of cordel literature in the classroom, as well as to elaborate a proposal for reading that genre, based on the basic sequence, a literary literacy proposal developed by Rildo Cosson, seeking to verify the contributions that the insertion of this kind of literature can bring to students. The study was carried out based on a bibliographic research, of qualitative nature, from the conceptions of: Cosson (2009), Koch & Elias (2008), Lajolo (1999), Pinheiro & Lúcio (2001), Pinheiro (2007), among others who contributed to the interpretative path. Thus, we discuss how the insertion of cordel literature can contribute to the students' cultural formation, reinforcing the importance of northeastern culture; and also for making the class more attractive and interactive, through the playfulness, fantasy and musicality of the verses. It was possible to infer that the development of the reading proposal, with the string literature, is of paramount importance for the development of orality, curiosity, creativity, the taste for reading and the critical thinking of students.

Key-words: Literature of twine. Literary literacy. Northeastern culture.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	09
II. LITERATURA DE CORDEL: um olhar sobre a dimensão pedagógica.....	13
2.1 Literatura de cordel: aspectos históricos e sociais.....	15
2.2 O cordel na sala de aula: Por quê?.....	18
2.3 O trabalho com a literatura de cordel em sala de aula do ensino fundamental...22	
III. O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA.....	24
3.1 O gênero cordel na sala de aula com base na sequência básica de Rildo Cosson.....	24
3.2 Proposta de leitura do gênero cordel na sala de aula no ensino fundamental....	28
3.2.1 Motivação.....	29
3.2.2 Introdução.....	31
3.2.3 Leitura.....	32
3.2.4 Interpretação.....	33
3.3 Varal poético: proposta de produção do gênero cordel.....	34
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
V. REFERÊNCIAS.....	38
VI. ANEXOS.....	40

I. INTRODUÇÃO

A poesia é um dos gêneros mais antigos da literatura, e se revela nas mais variadas formas de manifestações, no pensamento, na música, na dança, ou seja, de forma oral ou escrita. Uma literatura que vai além do texto, traduz sentimentos e emoções, e, tem grande importância na construção histórica, cultural e artística do povo brasileiro, estando presente, principalmente, no cotidiano do nordestino.

A presente pesquisa, buscando discutir a importância do gênero cordel na sala de aula, apresenta algumas considerações sobre a literatura de cordel no ensino fundamental. Foram utilizados para esse estudo os seguintes cordéis: “O Poeta da Roça” (1978), de Patativa do Assaré; “Orgulho de ser Nordestino” (2017), de Bráulio Bessa. O trabalho com o gênero poético em sala de aula, realizado levando em consideração não só o caráter estrutural do texto, mas suas potencialidades e contribuições para a formação linguística, social e cultural do indivíduo, proporciona ao aluno o prazer pela leitura, tornando-se de grande importância no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, levantamos o seguinte questionamento: De que maneira a inserção da literatura de cordel pode contribuir com o desenvolvimento da oralidade, leitura, escrita e formação cultural dos alunos? Dessa forma, tivemos como objetivo geral: analisar as contribuições da literatura de cordel no que diz respeito à oralidade, leitura, escrita e formação cultural dos alunos do ensino fundamental. E, como objetivos específicos: promover uma reflexão acerca da inclusão da literatura de cordel na sala de aula; elaborar uma proposta de leitura do gênero cordel com base na sequência básica de Rildo Cosson, buscando verificar as contribuições que a inserção da literatura de cordel pode trazer para os estudantes.

O ensino de literatura no nível fundamental tem sido tema de muitos debates, tendo em vista os grandes desafios que as escolas enfrentam em criar condições e estratégias de atividades que auxiliem no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos. Em muitos casos, os professores se prendem exclusivamente às abordagens propostas nos livros didáticos que se baseiam na ideia de uma única e possível interpretação do texto, desconsiderando os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, conseqüentemente, não favorecem a mediação entre o texto e o leitor. Dessa forma, é importante repensarmos esse tipo de prática em sala de aula,

priorizando atividades que busquem o desenvolvimento de leitores críticos e reflexivos.

Muitos professores não valorizam o trabalho com a poesia em sala de aula, pois o consideram como um tipo de texto difícil de se trabalhar, dando mais importância ao que é divulgado nas mídias do que a nossa própria cultura, os fatos que acontecem no nosso dia a dia. No entanto, levar uma proposta de produção de cordel para sala de aula é um excelente meio de incentivar a leitura, pois sua forma simples, com uma linguagem que dispensa formalidades, sempre contando relatos históricos, artísticos e folclóricos do povo brasileiro, faz com que os alunos se identifiquem e interajam com o texto, estimulando-os também na sua formação socioemocional.

A literatura de cordel faz parte das nossas origens culturais, é um tipo de texto literário de grande importância a ser utilizado na escola pela possibilidade de trabalharmos uma diversidade de temas, ou seja, corresponde a uma forma de ampliar os conhecimentos teóricos, de apresentar essa literatura de forma artística e criativa, desenvolvendo a prática da leitura e escrita de maneira contextualizada e dinâmica. Esse tipo de prática traz, para dentro da sala de aula, assuntos do cotidiano dos alunos, despertando neles a curiosidade, a vontade de ler, de aprender, de produzir e editar os folhetos. É importante ressaltar que esse trabalho é uma forma de lembrar, de reviver os tempos em que a literatura de cordel foi considerada como literatura de massa, resgatando o referido gênero e reconhecendo-o como patrimônio histórico e cultural do povo brasileiro, mais especificamente o nordestino.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, na qual tomamos como base para o desenvolvimento da análise as concepções dos seguintes autores: Cosson (2009) para discutir sobre letramento literário utilizamos, autor que aborda questões sobre o ensino de literatura, apresentando, por meio de sequências básica e expandida, estratégias para a prática eficaz do trabalho com o texto literário em sala de aula. Para discutir sobre a importância da leitura nos baseamos nas concepções da autora Marisa Lajolo e Paulo Freire; além das concepções de leitura apresentadas por Engedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2008); e, o método recepcional do texto literário apresentado pelas autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988), abordando acerca da importância de levarmos em consideração o horizonte de

expectativa dos estudantes. Sobre cordel em sala de aula utilizamos como aporte teórico os autores Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio (2001), que mostram como o trabalho com a literatura de cordel é importante para a formação intelectual, social e cultural do aluno. Dentre outros autores que contribuíram no percurso interpretativo.

A pesquisa encontra-se estruturada em dois capítulos, no primeiro intitulado “Literatura de cordel: um olhar sobre a dimensão pedagógica”, fazemos uma abordagem acerca do referido gênero por meio de um olhar pedagógico. Dessa forma, apresentamos alguns aspectos históricos e sociais da literatura de cordel, sua origem e características marcantes, destacando a importância do referido gênero na sala de aula, observando de que forma essa literatura pode ser utilizada e quais os benefícios trazidos para os alunos, mais especificamente na sala de aula do ensino fundamental, já que esse tipo de texto deve ser trabalhado em sala de aula desde cedo, por contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

No capítulo “O letramento literário na escola”, abordamos a importância do letramento literário, mostrando como esse tipo de abordagem do texto pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Em seguida, focalizamos na sequência básica, desenvolvida por Rildo Cosson, discutindo acerca de como a utilização da sequência pode contribuir para o trabalho com o gênero cordel na sala de aula. Apresentamos uma proposta de leitura do referido gênero na sala de aula do ensino fundamental a partir do trabalho com os cordéis: “O Poeta da Roça” (Patativa do Assaré) e “Orgulho de ser Nordestino” (Bráulio Bessa), destacando todo o percurso – motivação, introdução, leitura e interpretação, com base na sequência básica de Rildo Cosson. Escolhamos os cordéis citados porque são de grande relevância quanto a formação cultural dos alunos, visto que ambos foram produzidos por cordelistas nordestinos, que com uma linguagem simples retratam a vida e o cotidiano de homens e mulheres, trabalhadores do campo, que enfrentam dificuldades e preconceitos em seu dia a dia, mas que nem por isso se deixam desanimar, pelo contrário, sentem orgulho do que fazem e de serem nordestinos. Trabalhar com cordéis com temáticas que tenham a ver com o modo de vida e com o contexto social em que o aluno está inserido, possibilita a ele conhecer os aspectos da história do povo nordestino, reforçando a identidade; além de contribuir para o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita dos alunos, tornando o processo de

ensino-aprendizagem mais eficaz. Em seguida, abordamos a proposta de produção de um varal poético na escola.

Nosso estudo buscou mostrar que o trabalho com o texto literário na sala de aula do ensino fundamental, mais especificamente o cordel, deve ser feito de maneira lúdica e dinâmica, mediando o contato entre o leitor e o texto, despertando nos alunos o gosto pela leitura. Dessa forma, o professor deve procurar incentivar os alunos na busca de conhecimento por meio da leitura dos diversos textos, dentre eles o cordel, que faz parte de cultura nordestina, possibilitando novas experiências, construindo novos aprendizados, e, conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento da oralidade, leitura, escrita e formação cultural dos estudantes.

II. LITERATURA DE CORDEL: um olhar sobre a dimensão pedagógica

Sabemos que o trabalho com a literatura em sala de aula é de grande importância, pois, além de contribuir para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e linguísticos, também proporciona aos alunos novos saberes sobre cultura, povos e lugares diferentes, experiências que refletem tanto na formação social, como também na formação profissional dos alunos. Através da leitura, o indivíduo se transporta de um lugar para outro, do mundo real para o mundo imaginário, mergulha em um universo no qual lhe é permitido fantasiar, criar novas histórias, aprender e vivenciar diferentes situações, experimentando novas emoções.

A literatura aparece claramente como manifestação de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela. Isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 1989, p. 43).

A literatura está presente em nosso dia a dia e se apresenta como uma necessidade de todos, daí importância de refletir sobre o trabalho com a mesma, em sala de aula. É importante ressaltar que as atividades a serem realizadas devem valorizar o lúdico que é inerente ao texto literário, de modo que favoreça a aproximação do aluno com a obra. Desse modo, a leitura não será algo forçado, mas prazeroso, o aluno poderá compreender melhor o que foi lido, desenvolvendo nele o gosto e o hábito de ler.

Quem tem o hábito de ler conseqüentemente terá também a capacidade de refletir melhor sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, ler é perceber o mundo de diferentes formas, é relacionar a realidade com a ficção, é permitir incluir, recriar, expandir, transformar pensamentos e construir novos conhecimentos. De acordo com Calçado (2011), a leitura é de fundamental importância na vida das pessoas, pois através dela é que se adquirem novas ideias, e se obtém as informações necessárias sobre o que acontece na sociedade em geral. A leitura contribui para o prazer pessoal e amplia os interesses do indivíduo, ajuda no desenvolvimento e na personalidade, além de ser meio para aquisição de conhecimento e de socialização,

promovendo a cidadania, possibilitando novas experiências e também conhecermos melhor a nós mesmos.

[...] a leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade. Informações submetidas à reflexão crítica indispensáveis à produção escrita. Além disso, a leitura de textos, feita adequadamente, permite-nos depreender esquemas e formas da língua escrita, que como já sabemos, tem normas próprias, diversas daquelas da língua falada (INFANTE, 1998, p. 43).

A leitura de uma boa obra literária traz para o leitor uma infinidade de informações culturais que lhes fará ampliar seus conhecimentos e vocabulário, e também refletir sobre a sociedade e a realidade em que vive. Ela desperta e estimula o interesse do aluno em querer saber mais, conhecer e entender o mundo ao seu redor. A prática da leitura contribui para o desenvolvimento da personalidade, da criatividade e da formação intelectual, crítica, social e cultural do indivíduo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir a continuidade daquela (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo do que estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra, estarei de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo (FREIRE, 2012, p. 14).

Segundo essa perspectiva, é importante que os textos trabalhados em sala de aula tenham a ver com a realidade em que o aluno vive. No ambiente educacional, conforme ressalta Cosson (2009, p. 29): “Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos”. Para que o leitor mergulhe e sinta-se envolvido pela experiência criativa e emotiva da leitura é imprescindível desenvolver um conjunto de estímulos.

Outro ponto importante na formação do aluno leitor é o apoio e o incentivo da família em relação a leitura. Uma família que tem a leitura como hábito, de dentro de casa mesmo a criança ou jovem já vai tendo suas primeiras experiências com a leitura. Pais que leem com seus filhos, que debatem sobre o texto lido, promovem a

interação entre eles e com o texto, ampliando assim os sentidos do mesmo. Outra forma de estimular os alunos à leitura é deixar que eles mesmos escolham o que querem ler, livros que tenham a ver com o mundo em que vivem e que imaginam.

Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Uma leitura de qualidade representa a oportunidade de ampliar a visão do mundo. Através do hábito de leitura o homem pode tomar consciência das suas necessidades, promovendo assim a sua transformação e a do mundo (Dutra, 2001, p. 10).

A prática leitora estimula o raciocínio e desenvolve a interação entre os estudantes, conseqüentemente promove a inclusão social, para tanto, o acesso dos alunos aos livros deve ser garantido pela escola e pelo estado. Além disso, é necessário que o ensino de Língua Portuguesa priorize a formação de leitores capazes de analisar o texto literário em suas múltiplas direções, daí a importância do ensino de literatura de forma estimulante, a partir de práticas dialógicas que despertem a sensibilidade do aluno, que permitam a ele ampliar seus conhecimentos, o senso crítico, a capacidade de perceber e refletir sobre ele mesmo e sobre a sociedade em que vive.

2.1 Literatura de cordel: aspectos históricos e sociais

Para Gonçalo Ferreira da Silva, poeta e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), a literatura de cordel é de origem ibérica Portugal/Espanha, que chegou no Brasil em Salvador ainda pelos colonizadores, e de lá se expandiu para os demais estados (SOUZA; PASSOS, 2018). O cordel ganhou força principalmente no sertão nordestino, em Pernambuco, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Bahia, e, é considerado, hoje, como um dos elementos mais importantes da literatura popular. É uma expressão folclórica do povo, que traz em sua produção diversos assuntos.

No Brasil, o cordel aparece como sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores fazem parte do conjunto de narrativas em verso conhecido por literatura de cordel (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 11).

Nos cordéis são narrados fatos e histórias do cotidiano do povo brasileiro, mais especificamente do povo nordestino. De acordo com Barroso (2012), a literatura de cordel teve início primeiramente na forma de cantigas trovadorescas, auxiliadas por instrumentos musicais. Os trovadores acompanhados por suas violas cantavam e espalhavam os versos para toda a população, as cantigas apresentavam aspectos culturais brasileiros em sua poética, adaptação que ficou conhecida como cordel. Barroso (2012) fala que o gênero ficou conhecido porque suas folhas eram expostas através de barbantes para serem comercializados nos mercados ou nas feiras livres.

Os cordéis apresentam uma literatura clara, direta, que não se prende ao dicionário, na tentativa de encontrar palavras bonitas, mas preza pela história em seu começo, meio e fim. São caracterizados por serem textos escritos com métrica fixa e rimas que fazem a musicalidade dos versos e também pelas xilogravuras que ilustram as páginas dos poemas, enriquecendo ainda mais os folhetos.

A literatura de cordel é considerada hoje como uma das principais manifestações culturais nordestina, mas é importante ressaltar que a região nordeste apresenta uma grande diversidade cultural composta por outras manifestações, tais como: o carnaval, o coco, o maracatu, o reisado, as festas juninas, bumba meu boi, o frevo, o quilombo, a capoeira, a festa de lemanjá, lavagem do bonfim, e o candomblé, com destaque também para a culinária e o artesanato. Conforme os autores Pinheiro e Lúcio (2001, p. 12): “É essa cultura, influenciada pelos ritmos afro-brasileiros, pela mistura entre rituais sagrados e profanos, que faz do cordel uma produção cultural distinta das outras.”

Em sua estrutura, os cordéis diferenciam-se um dos outros pela quantidade de estrofes: os que possuem uma estrofe com quatro versos são chamados de quadra e os que contêm seis versos são denominados sextilha. A estrofe formada por sete versos é chamada septilha e as estrofes que possuem oito versos são chamadas de oitava. Os cordéis que contêm os três primeiros versos rimados entre eles, (o quarto rimado com o oitavo e o quinto) e (o sexto apenas com o sétimo) são

denominados quadrão. A estrofe que tem dez versos é décima, e as estrofes que possuem versos de até dez sílabas são chamadas de martelo.

Os desafios ou pelejas, como são conhecidos nos cordéis, são duelos feitos entre cantadores, e neles a presença da oralidade é marcante, pois através dos versos cantados, cada poeta demonstra suas habilidades poéticas e busca depreciar o oponente, conforme ressaltam Pinheiro e Lúcio (2001, p. 19): “As pelejas podem basear-se em desafios reais ou imaginários e geralmente são escritas em ritmo de martelo.”. Os folhetos de circunstâncias, conhecidos também como folhetos de época, narram acontecimentos recentes, fatos do dia a dia. “Se morre algum político ou religioso, ou se nasce alguma criança que faz milagres, logo surge um folheto contando a história.” (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 23). Dessa forma, podemos afirmar que nos folhetos de circunstância o poeta é também um repórter informal, que retrata através dos seus versos como tudo aconteceu.

Além das pelejas e dos folhetos de circunstâncias há também os ABCs: “[...] poemas narrativos em que cada estrofe corresponde uma letra do alfabeto. Os ABCs dão conta de um assunto de A a Z e neles cabem vários tipos de histórias”. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 24). Como exemplo desses poemas temos os romances geralmente escritos em sextilhas, com suas histórias que envolvem lutas, aventuras, humor, amor e mistério, encantam a todos.

O cordel apresenta características próprias bem peculiares: são escritos com métrica fixa e rimas que fazem a musicalidade dos versos, possui uma linguagem clara, relata tradições culturais da região nordeste, promove o conhecimento popular, mantém vivo os mitos, lendas e tradições folclóricas nordestinas e suas ilustrações são feitas com xilogravuras, gravuras talhadas em madeira, enriquecendo o folheto.

A simplicidade das formas, as cores chapadas, a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas transportam os leitores para o mundo da fantasia, imprimindo aos reis e rainhas, criaturas fantásticas e sobrenaturais características próprias ao seu universo de experiências (PINHEIRO; LÚCIO, p. 29).

A forma como são abordados os diferentes temas, a expressividade, a emoção, a rima, a métrica, a fantasia, o humor, e também o cunho informativo e crítico, contando os acontecimentos do cotidiano do povo nordestino, como vivem, o

que sentem, crenças, valores, cultura, hábitos, costumes e ensinamentos, fazem da poesia de cordel uma das manifestações culturais mais ricas e de um valor inestimável para a conservação da identidade do nosso povo. É sem dúvida um grande contribuinte para a formação intelectual, social, cultural e política do indivíduo e importantíssima para a continuação do folclore brasileiro.

2.2 O cordel na sala de aula: Por quê?

O ambiente educacional é visto como um condutor que deverá levar o aluno a ter o máximo de convívio possível com os gêneros textuais não apenas como um instrumento de comunicação, mas como um objeto de ensino-aprendizagem. Podemos dizer que a literatura de cordel entra como uma ponte, um intermediário para a interlocução do educando a sociedade em que vive. Por outro lado, vemos que embora a literatura de cordel já tenha alcançado seu espaço, ainda é um gênero pouco valorizado no campo pedagógico, na maioria dos livros didáticos é perceptível que é pouco o espaço dedicado ao referido gênero.

A maioria de nossas professoras de primeira à quarta série se diz incompetente para trabalhar com a poesia. Os modelos que se tem são os livros didáticos que, em sua maioria, ficam na tradicional questionável “interpretação de texto”, sem falar na qualidade discutível de inúmeros “poemas” compilados nessas obras (Pinheiro, 2007, p. 18).

Os professores consideram a poesia como algo difícil de ser trabalhado, algo que não tem a necessidade de ser utilizado, ou seja, existe ainda uma resistência para se trabalhar com o cordel em sala de aula. E, muitas vezes, a abordagem do texto é limitada, descontextualizada, o texto é tomado como pretexto para o estudo de elementos gramaticais e as atividades propostas não respeitam sua dimensão artística, não valorizam sua ludicidade.

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura (LAJOLO, 1999, p. 52).

O ensino com o texto literário em sala de aula deve levar em conta todo o seu contexto, não usá-lo como pretexto, de forma mecânica, visando apenas a decodificação, uma leitura alheia, vazia, sem interpretação, sem prazer, ou seja, uma leitura puramente escolar feita por obrigação. Daí a necessidade de pensar em novas práticas de ensino que incluam a literatura de cordel em algumas disciplinas, reforçar o valor que tem a poesia, criar meios para que haja uma maior aproximação dos professores e dos alunos com o texto literário.

A literatura pode *formar*, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, – o Verdadeiro, o Bom e o Belo [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, – com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 2012, p. 84).

O ensino da literatura de cordel em sala de aula não deve ser pautado segundo uma abordagem redutora que se prende apenas ao que é dito e visto como verdadeiro, bom e belo, mas com o intuito de debater, de refletir sobre essa tão rica manifestação cultural, tendo em vista que a literatura de cordel vai bem mais além do que esses aspectos, pois aborda, também, os aspectos contextuais, se interessa pelos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos da região nordeste e do nosso país. Pinheiro (2007) em seu livro *Poesia na sala de aula*, diz que é evidente que vale a pena trabalhar com a poesia em sala de aula, mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo:

Acreditamos que a leitura do texto poético tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados do que o texto em prosa. Não se trata de valorizar mais este ou aquele gênero literário. Trata-se de estar atento a procedimentos e cuidados específicos que convêm a cada gênero (PINHEIRO, 2007, p. 25).

São critérios que se aplicam também a literatura de cordel. O referido autor ressalta a importância de se escolher uma boa obra literária para levar para a sala de aula e quais os métodos que serão utilizados pelos professores para que o texto chegue ao aluno de forma positiva. O autor define como indispensáveis, para que o ensino de literatura de cordel em sala de aula seja produtivo, três condições: a

primeira que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura, que haja sempre uma pesquisa sobre o interesse dos alunos e qual o ambiente em que será trabalhada a poesia (PINHEIRO, 2007)

A literatura de cordel é de suma importância para a educação, pois é uma literatura voltada para a realidade do povo brasileiro, e, nessa perspectiva, traz para os alunos uma visão de mundo que pode ou não se assemelhar ao modo de vida de cada um deles. Além disso, o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula aborda questões que contribuem discutir acerca da situação em que o país se encontra, seja ela sua posição social, política, econômica ou cultural, mostrando a necessidade que há de mudar esse quadro atual em que vivemos, e que essa mudança só será possível mediante uma educação crítica baseada nos preceitos sócio-interacionistas.

Adotar a literatura de cordel como um recurso pedagógico em sala de aula no ensino fundamental é relevante, pois é um gênero que deve ser trabalhado desde cedo com as crianças, podendo ser considerada uma forma de apresentar aos alunos os diversos tipos de leitura. Dessa forma, a leitura desse tipo de texto contribui para despertar nos alunos, a criatividade, a sensibilidade, estimula o interesse pela cultura, aguça o senso crítico, promove a interação e conseqüentemente amplia o conhecimento de mundo, o repertório cultural a empatia e a criatividade textual. Conforme ressalta Pinheiro (2007, p. 23): “Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor.”. Uma leitura feita por prazer desenvolve a criatividade do aluno, pois desperta suas fantasias e o faz conhecer novos horizontes, contribuindo assim para a aprendizagem do mesmo.

Trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula é uma forma de refletir, dentre outros aspectos, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano escolar. É uma forma de incentivar os alunos a enxergarem não só o que diz o texto em si, mas também a relação entre o texto e eles, as vozes que o texto traz consigo, ampliando e desenvolvendo o horizonte de expectativa do aluno, ao pegarem um texto literário para ler. Conforme podemos observar nas concepções de Bordini e Aguiar (1988), acerca do método recepcional, que destacam a importância de saber como trabalhar o texto em sala de aula de forma a auxiliar na ampliação e desenvolvimento desse horizonte de expectativa:

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munidos dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 87).

No processo de recepção o foco principal é o leitor, as primeiras leituras feitas são de obras próximas aos horizontes de expectativa do aluno levando em conta os conhecimentos prévios do mesmo, e, só depois, aos poucos, e, por meio de diferentes tipos de textos é que esses horizontes de expectativa vão sendo ampliados. Para Bordini e Aguiar (1988), os objetivos do método recepcional em relação aos alunos são: Efetuar leituras compreensivas e críticas, ser receptivo a novos textos e a leitura de outrem, questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural e transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade de forma geral.

O ambiente escolar tem mostrado cada vez mais uma preocupação quanto à formação de alunos leitores, bem como a necessidade de criar novas práticas de ensino, que tornem o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. O gênero cordel, apesar de pouco estudado, em sala de aula, contribui bastante para desenvolver as capacidades de leitura e escrita dos alunos, pois os cordéis apresentam uma linguagem simples, e, abordam temáticas que se aproximam com a realidade dos alunos nordestinos. Trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula não só contribui para o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita dos alunos, mais também para a formação cultural dos estudantes. Esse trabalho corresponde a uma forma de valorizar a literatura, de mostrar para os alunos as riquezas e as expressividades que fazem parte da cultura nordestina, e, o quão é importante conservar as tradições regionais.

2.3 O trabalho com a literatura de cordel em sala de aula do ensino fundamental

Sabemos que a escola, enquanto instituição responsável pelo desenvolvimento intelectual e crítico do aluno, deve trabalhar sempre de forma voltada para as necessidades vigentes do alunado. Porém, existem em nosso ambiente escolar, lacunas a serem preenchidas. Mais quais seriam essas lacunas? Ora, podemos aqui citar: déficit de aprendizagem, baixo índice de leitura, má formação tanto de professores quanto de alunos, entre tantos outros problemas que nos deparamos dia após dia. Mediante isto, é importante compreendermos a partir deste viés que o ambiente educacional, enquanto instituição, tem por imprescindível função social formar seres críticos, dominantes de saberes.

O caminho que nos parece mais promissor, embora mais difícil, devido à pouca prática de leitura de poemas entre professores, é o da busca, na obra de nossos grandes poetas, de poemas que respondam ao horizonte de expectativa do leitor jovem (PINHEIRO, 2007, p. 87).

Podemos considerar que o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula promove a interação comunicativa tanto oral quanto escrita dos alunos. Os cordéis são produtos culturais e possuem características próprias, sua funcionalidade, formas e estilos contribuem para o desenvolvimento da identidade social e cultural dos alunos, tornando-se assim uma atividade humana que visa aperfeiçoar as práticas comunicativas do indivíduo, levando seu conteúdo de estudo o mais próximo possível do seu cotidiano.

Dentre tantas outras literaturas, o cordel se destaca por possuir suas próprias características, a começar pela sua confecção, pois são livros pequenos, com poucas páginas, contém ilustrações em xilogravura, são acessíveis a todos os públicos, apresentam uma linguagem simples, trazem fatos do cotidiano que se assemelham com o modo de vida dos alunos, entre outros aspectos.

Quando levamos os folhetos para a sala de aula, lemos e conversamos sobre as narrativas e a literatura de cordel em geral; nos dias seguintes muitos alunos nos trazem folhetos para mostrar, contam histórias de cantadores, de emboladores, enfim, falam de sua experiência com a literatura popular. Esse clima de receptividade no

espaço escolar necessita ser melhor trabalhado, isto é, precisamos, professores, poetas populares, divulgadores culturais conquistar mais espaço para literatura de cordel na escola (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 08).

O cordel é um gênero discursivo e trabalhar com ele em sala de aula, do ensino fundamental, proporciona aos alunos a oportunidade de conhecer e vivenciar experiências culturais concretas, ou seja, além de despertar nos alunos o gosto pela leitura, facilita também a desenvoltura das crianças diante dos colegas, e futuramente diante de um público maior. Incentivar os alunos a fazerem leituras orais ajuda a superar a dificuldade de ler o texto em voz alta e faz com que os alunos enxerguem através das obras, a beleza que tem essa literatura. Dessa forma, estará contribuindo no aprendizado e na formação de um leitor reflexivo.

Os autores Marinho e Pinheiro (2012) apresentam algumas formas de trabalho com a literatura de cordel em sala de aula e ressaltam a importância da comunidade escolar se envolver nesse projeto. Os autores sugerem como uma boa estratégia a realização de uma feira de literatura de cordel, podendo compreender diferentes atividades, tais como: folheteiros, vendendo seus folhetos; emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios de forma improvisada; exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos; murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel, em geral, e também palestras e oficinas de criação de poemas de cordel, realizadas por poetas locais.

Todas essas atividades envolvem diretamente a participação de toda a escola, alunos, professores, direção, até mesmo a secretaria de educação, lembrando também que para que esse trabalho possa ser realizado, a escola precisa ter uma biblioteca para que os alunos tenham acesso as obras literárias. Desse modo, os estudantes estarão cada vez mais em contato com a literatura de cordel, valorizando, preservando e reconhecendo como um patrimônio cultural.

Com isso, podemos afirmar que trabalhar com o cordel em sala de aula, do ensino fundamental, de forma lúdica e criativa é de suma importância, pois proporciona aos alunos o contato com esse gênero literário, os auxiliando na leitura, na escrita, na produção textual, na formação intelectual, crítica e também na formação de identidade. Nesse sentido, é por meio do cordel, da poesia popular que os estudantes vão conhecer os aspectos da história do povo nordestino, observando quão rica é essa literatura, valorizando ainda mais a cultura nordestina.

III. O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA

3.1 O gênero cordel na sala de aula com base na sequência básica de Rildo Cosson

Para Cosson (2009), o termo letramento literário é uma descoberta recente na Língua Portuguesa, e, trata-se não apenas da “aquisição de ler e escrever, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas.” (COSSON, 2009, p. 11). Em outras palavras, é apropriar-se da linguagem em seu uso, desenvolvendo as habilidades da leitura e escrita em seu meio social. De acordo com o autor, “há vários níveis e diferentes tipos de letramento, e, que em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento.” (COSSON, 2009, p.11). Esses níveis e os múltiplos sentidos que contemplam o letramento literário varia de acordo com o contexto em que se está inserido.

Pela própria condição de existência da escrita literária, [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2009, p. 12).

O letramento literário em sala de aula assume um papel primordial quanto a formação de alunos leitores críticos e autônomos. Conforme Cosson (2009), assim como um analfabeto tem participação no processo de letramento, um indivíduo pode ter um grau elevado de letramento em uma área, mas ter um conhecimento apenas superficial em outra. Esse grau de letramento vai depender das necessidades pessoais do indivíduo ou do que a sociedade lhe oferece ou demanda. O letramento literário é algo que merece ser trabalhado na sala de aula, pois, muitos professores ainda se prendem bastante ao modelo de ensino da literatura de forma historiográfica, não proporciona o entretenimento, nem provoca uma reflexão crítica ao aluno, pelo contrário, ele vê o texto literário como uma obrigação. No entanto:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995 *apud* COSSON, 2009, p. 15).

Nesse sentido, Cosson (2009) afirma que o dizer do mundo (re) construído pela força da palavra, que é a Literatura, revela-se como uma prática fundamental para a construção de um sujeito e da escrita. Na escrita e na leitura literária, o homem encontra a essência de si mesmo e da sociedade a qual pertence. No ensino fundamental, a literatura é vista como qualquer texto que apresenta um parentesco com ficção e poesia, os textos que eram para serem escolhidos, de forma que atendessem as necessidades do aluno, são deixados de lado.

Nos próprios livros didáticos nota-se que há ainda uma restrição quanto a utilização de textos literários em sala de aula, Cosson (2009). Os textos literários, principalmente a poesia, acabam sendo deixados de lado, pois, os professores introduzem leituras de gêneros veiculados em jornais ou outros veículo de comunicação, sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois, por serem textos divertidos e criativos não seguem a padronização da Língua Portuguesa culta.

Os professores apesar de visarem à formação do hábito de leitura e o desenvolvimento do espírito crítico, não oferecem atividades nem utilizam recursos que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais, a criatividade ou a tomada de posição embora arrolem esses tópicos em seus critérios de aproveitamento escolar (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 33).

Mesmo tendo ciência da importância da leitura na formação do aluno e da necessidade que há de desenvolver nele o gosto pela leitura, alguns professores ainda se limitam muito ao método da decodificação, as mesmas práticas de leitura que não satisfazem nem atendem as necessidades do aluno. Para Cosson (2009), a leitura literária precisa ser aprendida, ensinada, precisa de uma sistematização, o autor ressalta que ninguém nasce leitor, nem muito menos, em se tratando da leitura literária, a literatura precisa ser ensinada e a escola não pode fugir a essa missão.

As práticas de leitura do texto literário, em sala de aula, devem considerar não apenas a leitura das obras no intuito de que os alunos decodifiquem o que está sendo passado, mas que possa levar em conta o conhecimento, a experiência do aluno e assim promover o processo de letramento literário. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular:

[...] As habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética (BRASIL, 2017, p. 138).

O contato, a interação do leitor com o texto, bem como com os elementos que o constitui, as práticas de linguagem presentes na narrativa atrelados com as experiências literárias já adquiridas pelos alunos, reconhecendo o texto literário não como um amontoado de palavras, mas o valor humanizador, transformador e mobilizador que ele tem, desenvolvendo nos alunos compreensão dos múltiplos sentidos que trazem o texto. De acordo com Cosson (2009, p. 47): “A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Dessa forma, cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.”. Criar um ambiente favorável, abrir espaço para que os estudantes possam falar, levantar questionamentos, tirar dúvidas, posicionar-se diante do texto literário, desenvolvendo, assim, um pensamento crítico.

A literatura é um produto cultural e tem um papel de grande importância na formação do indivíduo. Cosson (2009), em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática*, apresenta um modelo de uma sequência básica e também de uma sequência expandida do letramento literário, no qual os professores possam se

espelhar e a partir delas criarem novas estratégias de ensino de literatura, de forma dialogada, discursiva, que possibilitem ao aluno uma leitura prazerosa, construtiva e divertida. Propostas de atividades de leitura em que os alunos se identifiquem com o texto, que argumentem, critiquem e criem suas próprias histórias.

A sequência básica do letramento literário, que é a mais utilizada pelos professores atualmente, é dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Na motivação, elencada como a etapa número um, no processo de letramento literário, o professor não pode simplesmente chegar para o aluno, lhe entregar uma obra e impor à leitura, é preciso que haja um encontro do leitor com o texto e para que isso aconteça, para que o aluno se sinta entusiasmado com a leitura é fundamental que ele tenha a liberdade de escolher o texto que quer ler. Cosson (2009) afirma que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir.

A segunda etapa da sequência básica é a introdução, que consiste na apresentação do autor e da obra. Introduzir o texto literário em sala de aula não significa apenas está com ele em mãos, antes de tudo o professor deve ter em mente o que o motivou a levar tal obra para ser trabalhada com os alunos e ao fazer a apresentação do autor, o professor não deve se alongar demais para que não se torne algo cansativo, basta fornecer as informações mais relevantes sobre o autor e a obra em questão.

[...] a seleção criteriosa dos elementos que são explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são características de uma boa introdução (COSSON, 2009, p. 61).

É importante que ao apresentar a obra, o professor não fale muito sobre o conteúdo do livro, mas que apenas dê algumas pistas para que os alunos tenham a curiosidade de querer saber mais. Após a introdução vem a leitura, um processo que também deve ser acompanhado pelo professor, pois, durante a leitura se o professor perceber alguma dificuldade do aluno pode auxiliá-lo. No decorrer da leitura para fazer um diagnóstico de como está sendo o entendimento ou as dificuldades dos alunos em relação ao texto, o professor pode utilizar-se de estratégias como conversas sobre a história que está sendo lida, questionamentos que possibilitem a

interação dos alunos com o texto e a participação na aula; leitura em conjunto relacionando o texto com algum outro que eles já tenham lido, apontando semelhanças e diferenças entre os textos, dentre outras atividades que podem ser realizadas.

A quarta e última etapa da sequência básica é a interpretação, que pode ser pensada em dois momentos: o momento interior e o momento exterior. O momento interior, Cosson (2009) define como aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. É o encontro do leitor com a obra. Já o momento exterior é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É neste ponto que o letramento literário feito na escola se distingue da leitura literária feita fora dela.

Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória (COSSON, 2009, p. 65).

O compartilhamento de interpretações é uma forma de ampliar os sentidos que foram construídos pelo indivíduo durante a leitura do texto, e, ao compartilhar essas interpretações ele deixa de ser apenas um indivíduo e passa a ser um indivíduo leitor, conscientiza-se como membro de uma coletividade, e, que através dessa coletividade ele tem a possibilidade de ampliar seus horizontes de leitura. Constata-se então que o ensino da literatura em sala de aula é de suma importância para a formação do aluno leitor, visto que a literatura permite ao ser humano a liberdade de pensar, de imaginar, de criar, de refletir sobre ele e sobre a sociedade em que vive.

3.2 Proposta de leitura do gênero cordel na sala de aula no ensino fundamental

Com base nas contribuições e estratégias metodológicas apresentadas pelo professor Rildo Cosson sobre letramento literário, a presente proposta de leitura e escrita do gênero cordel, na sala de aula do ensino fundamental, tem como foco principal o ensino-aprendizagem da literatura de cordel por meio de práticas interacionais. Para o desenvolvimento desse estudo, foi utilizado como aparato teórico a sequência básica sugerida pelo pesquisador Rildo Cosson, a qual é dividida em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Os cordéis escolhidos para o desenvolvimento das atividades foram: “O Poeta da Roça”, de Patativa do Assaré, e “Orgulho de Ser Nordestino”, de Bráulio Bessa. Os referidos textos são narrativas originárias da oralidade e apresentam uma linguagem de fácil entendimento. Além de retratarem a vida e o cotidiano do povo nordestino, homens e mulheres simples, trabalhadores do campo, que enfrentam dificuldades e preconceitos em seu dia a dia, mas que nem por isso se deixam desanimar, pelo contrário, sentem orgulho do que fazem e de serem nordestinos.

O cordel é um gênero que deveria ser mais explorado em sala de aula, pelo seu dinamismo, pela ludicidade, e, por contribuir para uma reflexão acerca dos usos da língua e variação linguística, pois a linguagem utilizada nos folhetos foge do modelo padrão de escrita da Língua Portuguesa. Para tanto, é relevante que o professor seja um conhecedor e apreciador da literatura de cordel, para realizar um trabalho que seja, sem dúvida, um grande contribuinte para a formação de alunos leitores, considerando a literatura de cordel como um elemento de suma importância na construção da identidade cultural dos indivíduos.

Ao levar para a sala de aula cordéis que tenham a ver com a realidade dos alunos, faz com que eles se identifiquem com o texto, se interessem pela leitura, desperta neles a curiosidade em querer saber mais sobre a história e a cultura do povo nordestino. Dessa forma, esse tipo de trabalho busca desenvolver nos alunos a imaginação e a criação, pois essa literatura possibilita diferentes emoções e amplia as visões de mundo do leitor, o que conseqüentemente estará contribuindo para melhorar o desenvolvimento da oralidade, leitura, escrita e interpretação do texto, auxiliando na formação do aluno leitor.

3.2.1 Motivação

De acordo com Cosson (2009, p. 57): “[...] compor a motivação com uma atividade integrada de leitura, escrita e oral parece ser uma medida relevante para a prática do ensino de língua materna na escola.” Para tanto, nessa proposta de leitura do gênero cordel em sala de aula, no ensino fundamental, temos o objetivo de possibilitar uma aproximação do aluno com os cordéis que serão trabalhados na aula, com isso sugerimos como atividade de motivação a exposição da sextilha: “O nordestino é rico em tudo”, cantada pelos Nonatos. Nela os cantores mostram o quão rico é o Nordeste e como ele se destaca entre os outros estados, pela fauna e pela flora que possui, pela cultura, dança, música, futebol e política, e também por ser um estado rico em petróleo e sal, ressaltando ainda os grandes artistas que saíram do Nordeste e que são consagrados até hoje.

Após a exposição da sextilha, feita através de um vídeo, poderia ser realizada uma roda de conversa para que os alunos pudessem falar sobre o poema, se já tinham visto, o que entenderam da temática, se se identificaram ou não com o que diz nele, etc, fazendo com que os alunos interajam e participem da aula, pois, o cordel é um gênero discursivo, logo o trabalho com o mesmo em sala de aula deve ser feito de forma dialogada. Para tanto, é importante que o professor abra um espaço para escutar os alunos, para que haja uma interação entre eles, tendo em vista que o conhecimento é construído a partir dessa interação, visto que cada aluno tem uma visão diferente do texto e constroem significados diferentes de acordo com as suas experiências de leitura.

[...] na concepção de interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação (KOCH; ELIAS, 2008, p. 10),

Nessa concepção interacional da língua, o sentido do texto é atribuído não por ele mesmo, pelas palavras nele escritas, mas por meio do conhecimento prévio do aluno, pela experiência já adquirida através de leituras distintas em outros momentos. Dessa forma, é fundamental que a leitura literária não se limite apenas a

decodificação, mas que o aluno possa entender o contexto, os elementos implícitos nas entrelinhas do texto, pois é através desse diálogo contínuo entre texto-leitor, que o sentido do texto é atribuído. Bordini e Aguiar (1988), ressaltam que cada aluno tem um horizonte de expectativa diferente de acordo com suas vivências e experiências de leitura, e, que a interação entre leitor e texto só será possível se os dois estiverem mergulhados em horizontes históricos também distintos que precisem se incorporar um ao outro para que haja a comunicação. Para as pesquisadoras:

No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as experiências do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83).

Quando o professor trabalha com o texto literário em sala de aula, a partir das expectativas do aluno, conhecendo seu gosto pela leitura e utilizando textos que estejam relacionados com o contexto social em que ele vive, promove uma interação melhor. Os alunos conseguem acompanhar a leitura de forma mais significativa e fazer as inferências, ajudando a compreender melhor o texto, o que consequentemente resultará em uma aprendizagem mais efetiva. Tendo em vista que o ensino deve ser voltado para as necessidades dos alunos, é importante que os professores planejem e com os recursos didáticos disponibilizados pela escola, estejam sempre inovando, criando atividades diferentes, que chamem a atenção dos estudantes, que despertem neles o interesse pela leitura.

3.2.2 Introdução

Na introdução, de acordo com Cosson (2009), o professor deve fazer uma breve apresentação do autor e da obra literária que será trabalhada na sala de aula, “uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva.” (COSSON, 2009, p. 61), ou seja, é importante que o professor não se alongue muito na apresentação para que a aula não se torne cansativa e desmotive os educandos. Para essa proposta foram utilizados os cordéis: “O poeta

da roça”, de Patativa do Assaré e “Orgulho de ser nordestino”, de Bráulio Bessa. Ambos os cordéis retratam a difícil situação vivida pelos nordestinos, mas que independente disso são pessoas que não renegam suas origens, que se orgulham de suas raízes, de sua cultura e de serem filhos do sertão.

Com o objetivo de fazer com que os alunos conheçam um pouco mais sobre os cordéis a serem lidos em sala de aula o professor deve realizar uma breve apresentação dos dois autores cearenses: Antônio Gonçalves da Silva, conhecido artisticamente por Patativa do Assaré (1909-2020), que é considerado um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX, e Bráulio Bessa (1986). Ambos os autores apresentam uma linguagem simples, porém poética, que retrata a vida sofrida e árida do povo do sertão. Ao ser realizada a apresentação dos cordelistas, para que os alunos possam se familiarizar um pouco mais sobre os cordéis, bem como a temática que será trabalhada em sala de aula, o professor pode distribuir para os alunos pequenos trechos de outros cordéis para que eles leiam, reflitam e posteriormente discutam sobre o que entenderam dos fragmentos lidos.

3.2.3 Leitura

Como uma boa estratégia para despertar o interesse dos alunos pela leitura dos cordéis em sala de aula, o professor poderia utilizar-se de uma dinâmica de leitura que seria realizada da seguinte maneira: em um primeiro momento o professor entregaria para a turma cartões com estrofes dos cordéis e em seguida pediria que cada aluno fizesse a leitura da estrofe que recebeu. No segundo momento os alunos teriam que identificar quais colegas estariam com as demais estrofes que completassem o cordel, feito isso a turma seria dividida em dois grupos, o que ficou com o cordel “O poeta da roça”, de Patativa do Assaré, e o que ficou com o cordel “Orgulho de ser nordestino”, de Bráulio Bessa. Por fim, já com os dois cordéis completos cada grupo faria a leitura, cada aluno com a estrofe que ficou. Através da dinâmica de leitura o professor abre espaço para que os alunos interajam, dialoguem, se posicionem diante da temática dos cordéis, além de ser uma boa estratégia para que o professor observe as dificuldades dos alunos em

relação a leitura do texto poético, e a partir disso criar condições para que o aluno tenha uma melhor desenvoltura.

Levar em conta a interação leitor-texto para discutir literatura parece dar conta de forma mais adequada do modo de inserção da literatura na vida escolar, uma vez que a prática da leitura patrocinada pela escola é dirigida, planejada, limitada no tempo e no espaço (LAJOLO, 1999, p. 43).

A leitura, quando explorada de forma dinâmica, contribui para o desenvolvimento da oralidade, possibilita a interação dos alunos com o texto, com os demais colegas e com o professor, ao mesmo tempo, faz com que eles aprendam a trabalhar em grupo, a participarem da aula de forma significativa através de comentários sobre a leitura, trocas de experiências, debatendo, argumentando e refletindo, de forma que a leitura seja algo prazeroso para eles, algo que amplie seus conhecimentos e que os auxilie no processo de ensino-aprendizagem.

Após a dinâmica poderia ser feita uma roda de conversa sobre os poemas, em seguida, o professor pode pedir para que os alunos façam uma pesquisa mais aprofundada sobre o gênero cordel, bem como sobre os dois autores trabalhados em sala de aula, tendo em vista que ambos são autores locais, nordestinos e que a temática abordada nos poemas estudados são de grande relevância para a formação da identidade cultural dos alunos. O trabalho com a literatura de cordel de maneira lúdica em sala de aula desperta nos alunos o interesse pela leitura, pois proporciona a possibilidade de transitar entre a realidade e a fantasia, além de preservar através do conto e reconto de histórias, a cultura nordestina.

3.2.4 Interpretação

Cosson (2009) defende que a interpretação de uma obra literária é feita a partir de dois momentos: o momento interno considerado pelo autor como o encontro do leitor com o texto e o momento externo que está relacionado a materialização da interpretação como ato de construção de sentido, em uma determinada comunidade.

Na quarta e última etapa, da proposta definida por Cosson (2009), como interpretação, de acordo com os cordéis trabalhados em sala de aula, pode ser feito um debate ou a aplicação de um questionário, no qual os alunos possam falar ou escrever sobre o que mais chamou a atenção deles nos cordéis, qual o ambiente que os autores se inspiraram para fazê-los, fazer uma comparação dos cordéis lidos em sala com outros que eles já conhecem. Comentar acerca da linguagem, observando a semelhança ou não com a forma de falar dos estudantes. O professor pode indagar os alunos acerca de qual aspecto eles se identificam com o texto, perguntar se de alguma forma se sentiram representados nos cordéis.

Esse trabalho requer uma condução organizada, mas sem imposições. Não cabe por exemplo, supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. [...] Se for para haver limites, que eles sejam buscados na coerência da leitura e não nos preconceitos que rondam o letramento literário na escola. Só assim teremos de fato uma comunidade, e seus leitores poderão, tanto no presente quanto no futuro, usar a força que ela proporciona para melhor ler o mundo e a si mesmos (COSSON, 2009, p. 66).

Sabendo que a finalidade da interpretação é fazer com que os alunos tenham uma apreensão da obra trabalhada em sala de aula, deve-se levar em conta todos os aspectos de sua contextualização, sua estrutura, ambiente de inspiração temática, linguagem, bem como sua relevância social. Uma interpretação feita a partir de uma leitura dialogada, que permita ao aluno fazer inferências, e, a partir dessa interação entender o texto. Outra questão que poderia ser trabalhada é o preconceito que existe contra o nordestino, principalmente no que diz respeito a linguagem do matuto utilizada nos cordéis, por não seguir a norma padrão da língua.

3.3 Varal poético: proposta de produção do gênero cordel

O ensino da literatura em sala de aula, embora já tenha tido um avanço, ainda é escasso, em alguns casos, a literatura é utilizada apenas como um complemento para as aulas de Língua Portuguesa, e o texto acaba sendo usado como pretexto para a análise linguística. Nesse sentido, é importante realizarmos uma reflexão quanto a necessidade de se mudar esse quadro, de criar novas

práticas de ensino, que abram espaço para a arte, para os sentimentos e emoções que a poesia traz. Dessa forma, temos como sugestão criar um varal poético na escola para expor textos de poetas, principalmente da região, com o objetivo de fazer com que os alunos valorizem ainda mais a cultura nordestina. Nesse varal seria reservado um espaço para os alunos, que gostam de escrever poesia, possam divulgar os seus textos, e também para que os professores possam expor os cordéis produzidos pelos alunos, quando trabalho em sala de aula.

Após desenvolver atividades de leitura da poesia em sala de aula, uma sugestão para trabalhos futuros seria a produção do gênero cordel, para ser exposto em um varal poético na escola, incentivando os estudantes a lerem e produzirem textos, um evento livre para que os alunos possam ficar a vontade para expor os seus textos para a comunidade escolar, e lerem também os textos feitos pelos demais estudantes. Para instigar os alunos a quererem participar da atividade, poderia atrelar o varal poético a um concurso, no qual os três cordéis mais bem votados ganhariam um kit de livros de poesia. Com os cordéis expostos no varal, e após a apreciação dos alunos e da comunidade escolar, cada aluno poderia pegar seu poema e recitar perante o público, bem como para um júri que iria escolher entre eles quais os textos que mais se destacaram, contribuindo para que os alunos tenham mais interesse na leitura do texto literário, principalmente o poético.

O trabalho com o gênero cordel em sala de aula, em especial no ensino fundamental, é de suma importância para a formação do aluno leitor, visto que contribui para o desenvolvimento intelectual, crítico, social, fazendo com que o aluno reconheça a si mesmo, sua personalidade, e compreenda melhor o mundo ao seu redor. O ensino de Língua Portuguesa quando realizado através da sequência didática, leva em conta não apenas o que se propõe o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola, mas também os conhecimentos prévios dos alunos, vai além das regras e normas gramaticais, buscando perceber e trabalhar as necessidades dos educandos, as dificuldades existentes em relação a leitura e compreensão do texto literário.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto, compreendemos que a inserção da literatura de cordel em sala de aula é de suma importância para a formação do aluno leitor, visto que a poesia é um dos gêneros mais antigos da literatura, e, já faz parte da vida cotidiana dos alunos, pois, possui características regionais com as quais os alunos podem se identificar, por apresentar uma linguagem simples, espontânea e de fácil entendimento. No tocante ao ensino de Língua Portuguesa, o foco central deve ser as necessidades dos alunos, vemos que as escolas têm demonstrado grande preocupação quanto a não aprendizagem e o baixo progresso no desenvolvimento das competências de oralidade, leitura e escrita dos alunos, mais especificamente no ensino fundamental, e, que o trabalho com a literatura em sala de aula ainda é realizado de maneira bem limitada, em muitos dos casos como pretexto para outros fins.

Embora o cordel já tenha alcançado seu espaço no campo literário, é ainda um gênero desvalorizado no ambiente educacional, muitos professores o consideram como um gênero difícil de ser trabalhado, em sala de aula. No entanto, o trabalho com a literatura de cordel contribui para o desenvolvimento de uma aula mais lúdica, criativa e interacional, desenvolvendo a oralidade, a curiosidade, o gosto pela leitura e o pensamento crítico dos estudantes.

É relevante ressaltarmos que a literatura de cordel, em sala de aula, proporciona também uma reflexão quanto aos preconceitos vividos pelos nordestinos, aspecto que pode estar presente dentro da sala de aula, por um aluno morar na zona rural, pela forma de se vestir e falar. Dessa forma, trabalhar com a poesia cordelista é uma forma de amenizar esse preconceito, além de: resgatar e conservar a cultura nordestina, fazendo com que os alunos reflitam e reconheçam a literatura de cordel como um patrimônio histórico e cultural, reforçando a identidade do povo nordestino.

Outro ponto importante no que diz respeito ao ensino de literatura em sala de aula é o uso da sequência didática, o trabalho com o letramento literário através de atividades planejadas e organizadas, nas quais a oralidade, leitura, escrita e análise linguística sejam abordados em conjunto. Atividades que levem em consideração não só o que está posto nos livros didáticos, mas também os conhecimentos de mundo dos alunos, abrindo espaço para que eles possam

compreender, e, ter um melhor domínio sobre os diferentes gêneros textuais, tornando-se alunos leitores autônomos, críticos e reflexivos. Dessa forma, a proposta de leitura do gênero cordel, na sala de aula do ensino fundamental, com base na sequência básica de Rildo Cosson, busca atender ao horizonte de expectativa dos estudantes, ampliando-os ao longo do desenvolvimento das atividades.

As reflexões aqui traçadas, mostram que a literatura de cordel na sala de aula, do ensino fundamental, segundo a perspectiva interacional, permite ao professor de Língua Portuguesa transitar por diferentes caminhos do conhecimento, utilizando-se de todos os elementos que constituem o cordel, sua estrutura, a ludicidade, o fantasioso, a musicalidade dos versos, a criatividade e também as temáticas que se aproximam com situações rotineiras, vividas pelos alunos em seu meio social. A leitura do texto literário feita de forma prazerosa, possibilita ao aluno fazer novas descobertas, compreendendo as diferentes visões de mundo.

V. REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método recepcional. In: **A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas**. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 81-102.

BARROSO, Helenice. **Cordel: uma poética da oralidade e do riso**. In. Mesa Redonda - “Folhetos de Cordel, memória e percursos”, organização IELT/Memória Imaterial. 2012”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=54uo3rXiOYI>>. Acesso em: 24 de out. de 2020.

BESSA, Bráulio. **Ser nordestino**. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/cordel-nordestino-poemas/>>. Acesso em: 15 Jul de 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CALÇADO, Cristiane. **Amar e Educar**. Gama, DF. 2011. Disponível em: <<http://cristianecalçado.blogspot.com.br/2011/07/projeto-sacola-literaria.html>>. Acesso em: 27 de out. de 2020.

CANDIDO, Antonio. (Org.). **Direitos Humanos e Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012, p. 81-90. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>>. Acesso em: 20 Out. 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. – São Paulo: Contexto, 2009.

DUTRA, Vânia Lúcia Rodrigues. **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/edicao_volume_2_numero_2.php>. Acesso em: 30 de out. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2012.

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação**. São Paulo: Scipione, 1998.

KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 5. ed. – São Paulo: Ática, 1999.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. – São Paulo: Editora Cortez, 2012.

Nonatos. **O Nordeste é rico em tudo**. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t_Fd7SDGVxc>. Acesso em: 11 de out. 2020. 5:49.

PATATIVA DO ASSARÉ. **O poeta da roça**. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/cordel-nordestino-poemas/>>. Acesso em: 15 Jul de 2020.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. – São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. – Campina Grande: Bagagem, 2007.

SOUZA, Luana Rafaela dos Santos de; PASSOS, Virginia de Oliveira Alves. LITERATURA DE CORDEL: Um recurso pedagógico. In: **Revista Científica da FASETE**, 2018, p. 75-90. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

VI. ANEXOS

Anexo 1: O poeta da roça – Patativa do Assaré

Sou fio das mata, cantô da mão grosa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De algum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola
Cantando, pachola, à percura de amô

Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu seio o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça
Não entra na praça, no rico salão
Meu verso só entra no campo da roça e dos eito
E às vezes, recordando feliz mocidade
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Anexo 2: Ser nordestino - Bráulio Bessa

Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura
Sou vida difícil e dura
Sou nordeste brasileiro
Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover
Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser
Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado
Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
Mais mesmo nesse padecer eu sou feliz desde menino
Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser

Terra de cultura viva, Chico Anísio, Gonzagão de Renato Aragão
Ariano e Patativa. Gente boa, criativa
Isso só me dá prazer e hoje mais uma vez eu quero dizer
Muito obrigado ao destino, quanto mais sou nordestino
Mais tenho orgulho de ser.